

Se eu fechar os olhos agora, ainda posso sentir o sangue dela grudado nos meus dedos. E era assim: grudava nos meus dedos como tinha grudado nos cabelos louros dela, na testa alta, nas sobrancelhas arqueadas e nos cílios negros, nas pálpebras, na face, no pescoço, nos braços, na blusa branca rasgada e nos botões que não tinham sido arrancados, no sutiã cortado ao meio, no seio direito, na ponta do bico do seio direito.

Eu nunca tinha sentido aquele cheiro pungente antes, aquele cheiro que ficaria para sempre misturado ao cheiro das outras mulheres, das que conheci na intimidade, que invadiria o cheiro de outras mulheres e que para sempre me levaria de volta a ela. Aquela mistura de perfume doce, carne cortada, suor, sangue e — o mais próximo que consegui perceber, até hoje — sal. Como se sente quando próximo do mar. Como quando adere à pele. Não os grãos do sal — mas a poeira invisível e olorosa do sal em dias úmidos.

Mas eu também não conhecia o mar, naquela época, eu nunca tinha sentido o cheiro nem visto o mar, então aquele odor do corpo sobre a lama, nu, eu nunca tinha visto uma mulher nua nem sentira o cheiro de uma mulher nua assim tão próxima, quer dizer, não que ela estivesse completamente nua, mas o seio com aquele bico grande e... As coxas estavam abertas, a saia levantada, e eu vi os pelos pretos intrincados no alto delas, das coxas, onde as coxas longas se encontravam, e dali exalava, não, não dali, dela toda, aquele odor de corpo de mulher misturado ao sangue e eu acho

que tinha se cagado, acho que tinha se borrado, como hoje eu sei que nos acontece a todos, na hora que a vida abandona nosso corpo e ele todo se relaxa, e o esfíncter se abre e... Essa também era uma palavra que eu nunca tinha ouvido. Nem lido. Esfíncter. Eu tinha doze anos e palavras como essa não eram ditas na minha casa. A gente não conhecia palavras assim.

Ela, ali, morta. Nua. Quase nua.

Eu sabia que ela estava morta. Nós dois sabíamos. A pele estava fria, a pele do braço, que foi a primeira que a gente tocou. A do rosto, tão... Pálida. Era isso, assim, pálida? Era. Estava. Com a boca aberta. Entreaberta. Como se tivesse começado a sorrir. Os dentes grandes, alvíssimos, apenas uma parte deles, brilhando entre os lábios grossos... Inchados? Tinham batido nela? O rosto tinha outras marcas? Tinha. Mas era nos lábios que o sangue... Acho que eu toquei os lábios dela. Não sei. Sei: toquei. Macios. Vermelhos. De sangue. De sangue ou de batom? De sangue e de batom. E de lama. Deve ter respingado, na hora que ela caiu. Ou bateu o rosto, entre o capim e o barro? Quando o salto do sapato se prendeu na lama, se quebrou e ela meio que voou sobre o barro e o capim molhado, um último voo, cheio de espanto e tristeza, foi assim? Um voo. Silencioso. Interminável. Ali, talvez, ela tenha entendido que a fuga acabara. E, talvez se debatendo, talvez se entregando, registrara a derradeira visão do céu azul e a aragem fresca do outono, o grito de um pássaro e o hálito do assassino, enquanto a lâmina penetrava repetidamente em sua carne.

Nem ele nem eu saberíamos dizer depois quantas punhaladas foram. A pele, dilacerada em tantos lugares, me lembrou as chagas do Cristo da nave central da catedral, os

braços abertos na cruz tal como estavam os dela na lama, sob o céu sem nuvens daquela manhã de abril.

Mesmo aqui, hoje, mesmo nesta cidade estrangeira onde vivo de tempos em tempos, mesmo hoje, às vezes, quando estou distraído, quando saio do metrô, ou quando viro uma esquina formada por prédios harmoniosos que fazem o mundo parecer organizado e lógico, ou saio de um café onde comprei cigarros, desavisado, colocando as moedas no bolso do paletó e buscando o isqueiro, eu sinto no rosto aquele mesmo vento frio que soprou de repente naquele mesmo dia de abril, às vezes, nem sempre, às vezes, o mesmo vento frio que pareceu soprar naquele dia morno, balouçando, levemente, de um lado para o outro, suavemente, o capim alto que havia em volta do lago onde a gente foi se refugiar naquela manhã, longe dos adultos, como tínhamos feito durante todo o verão.

Do topo do morro, quando se chegava, seu contorno irregular mal podia ser vislumbrado lá embaixo, rodeado pelos bambuzais altos, onde dezenas de maritacas barulhentas tinham seus ninhos. As maritacas e os bambuzais que ele recordaria depois, tantas vezes, nas longas cartas melancólicas que me escreveria.

Não sei como o lago era na realidade. Nunca mais voltei lá, desde aquele abril. Só tenho a imagem da minha memória. Que o recorda assim: azulíssimo, translúcido, coruscante a multiplicar os raios do sol que parecia brilhar sempre naqueles dias daqueles tempos.

Era uma terça-feira. Acho que era uma terça-feira. Poderia olhar no calendário e ter certeza. Não quero. Prefiro a certeza da minha lembrança, que me diz ter sido uma terça.

Terça-feira, 12 de abril de 1961.

No rádio, cedo, um locutor anunciara: um homem tinha ido ao espaço. O primeiro homem no espaço. Um russo.

Chamava-se Iuri Gagárin.

Ele disse que a Terra era azul e eu pensei, nós dois pensamos, ele e eu, a gente conversou na estrada sobre isso, pedalando sem pressa nossas bicicletas, escapando da punição na escola porque nos pegaram com uma revista em quadrinhos de sacanagem, a gente conversou como sempre conversava tudo: então é isso que a gente pode ser, pode ser também, um homem voando no espaço sideral.

Aos doze anos, quando qualquer fantasia faz sentido, o voo do major Iuri Alexeyevich Gagárin a bordo da *Vostok*, uma esfera metálica de dois metros e meio de diâmetro, com janelas pouco maiores que um livro, abria, literalmente, o céu para nós.

Astronauta: outra palavra que eu ainda não conhecia.

Astronauta, também. Eu poderia me tornar um astronauta. Tudo era possível para quem ainda estava em dúvida entre se tornar engenheiro ou caubói, jogador de futebol ou sertanista, aviador, piloto de provas, comerciante, escafandrista, arqueólogo ou Tarzan.

Tarzan tinha sido meu personagem favorito até então, eu era bom nas brincadeiras com cipó, mas tanto a selva africana do lorde Greystoke quanto Oklahoma, onde eu achava que ficava o faroeste de mocinhos e bandidos, começavam a desbotar o encanto, sem que eu soubesse por quê. Eu também gostava da ideia de ser um gênio da ciência e inventar remédios que poderiam curar as piores doenças, talvez uma vacina tão poderosa que acabasse com todas as doenças. Ou era ele que queria ser cientista. Um de nós achava que poderia se tornar presidente do Brasil e acabar

com a seca e a fome no Nordeste. Acho que era ele. Nós dois tínhamos, entre tantas ambições que nos pareciam perfeitamente possíveis, a de um dia viver no Rio de Janeiro. Brasília tinha sido inaugurada há menos de um ano, mas aquele de nós que virasse presidente levaria a capital de volta ao Rio. Nós tínhamos doze anos. Era um outro país, aquele. Era um outro mundo, aquele.

1.
As grandes montanhas
e áreas em sombras

O lago, finalmente.

Saíram da estrada asfaltada para a trilha sinuosa de terra e saibro. Pararam de pedalar. As bicicletas deslizaram com um ruído surdo até a cerca de arame farpado ao pé do morro, onde desmontaram. Os livros e cadernos foram tirados dos bagageiros e abrigados sob uma touceira. Cada um levantou o arame para ajudar a passagem do outro.

A bicicleta do menino moreno, enferrujada e com moscas, tinha apenas o para-lama dianteiro. Fora do pai, quando ainda era tecelão, e do irmão, antes que a trocasse por uma nova. Na do outro menino, comprido, claro e mais magro, a marca inglesa ainda era nítida no eixo central, doze anos depois de cruzar o Atlântico, importada com outros milhares de produtos europeus no câmbio favorável ao dinheiro brasileiro do pós-guerra.

Empurrando-as atravessaram a plantação de mangueiras, os pneus deixando sua impressão na terra molhada pela chuva da noite anterior. O garoto magro, preocupado em não respingar barro nas calças de brim azul-marinho, enrolou-as até os joelhos. O moreno não se deu ao trabalho. Ninguém notaria. O emblema da escola pública despregava-se do bolso da camisa encardida. Ambos haviam retirado a gravata preta, de nó pronto e presa ao colarinho por gancho de plástico, a parte do uniforme que os dois detestavam. Só a do menino comprido fora dobrada com cuidado antes de ser guardada no bolso da calça.

Passaram por dentro da trilha estreita no bambuzal, sob a algazarra das maritacas que sobrevoavam acima deles.

Falavam sobre assuntos que dois meninos de doze anos falavam, naqueles tempos: coisas terrivelmente importantes sobre si mesmos e sobre o mundo que ainda não entendiam, mas sobre o qual acreditavam ter ideias precisas, que dali a pouco esqueceriam, porque lhes viriam outras, fabulosas como os sonhos que acalentavam. A vida adulta lhes parecia distante, cordial e luminosa — e não o mundo brutal onde seriam lançados naquela manhã.

À beira do lago deitaram as bicicletas sobre a relva, um com cuidado, o outro displicentemente, deixando-a tombar para o lado.

O menino de pele mais escura livrou-se das roupas em poucos movimentos, jogou-as sobre a bicicleta, chutou os sapatos para os lados, enquanto o menino pálido abria os botões da camisa e a despiu, desafivelava o cinto, descia as calças. Tirava cada peça e a dobrava. Ainda guardava as meias enroladas dentro dos sapatos quando o colega correu de cuecas para a água, ágil, desafiando-o a alcançá-lo e chamando-o de molengo, aí molengo, aí molengo, antes de mergulhar, sem elegância, mas com vigor.

O menino mais claro foi até aos arbustos onde escondiam a câmara de ar de pneu usada como boia. Apertou-a. Ainda estava cheia. Levou-a até a beira da água, lançou-a. Juntou as mãos, abaixou a cabeça e entrou, quase sem fazer ruído.

Na água, morna como o dia, nadaram um tempo.

Depois o menino magro deitou-se na boia, braços e pernas abertos, deixando-se flutuar. Ouvia os ruídos do amigo que mergulhava, emergia, mergulhava de novo, tornava a vir à tona, nadava mais um tanto e novamente mergulhava

e novamente emergia, veloz, a cada vez falando alto e gritando frases ou fazendo perguntas que ele, de início, respondeu. Depois, embalado pelas águas cálidas, foi se envolvendo nos próprios pensamentos, distraído no meio deles. As vozes e sons exteriores foram-se apagando.

Sumiram.

Boiava no silêncio.

Tudo o que via era o azul acima.

Mas o astronauta russo não tinha dito o contrário?

“Eu vejo a Terra. Ela é maravilhosa. Ela é azul.”

Como assim, azul?, o menino magro se perguntou. A Terra, e não o céu? Por causa dos oceanos? Dos mares? Continentes não são azuis. Montanhas são pretas, matas são verdes, desertos são brancos, não são? É assim que vemos aqui de baixo. E nos mapas. Em todos os mapas. Como o astronauta pode ter visto um planeta azul, se os prédios de concreto, as pontes, os viadutos, tudo tem cor cinza? E as estradas de terra vermelha e de terra marrom? E as estradas asfaltadas? Mas ele viu isso tudo lá de cima. Redes ferroviárias, portos, avenidas, pistas de pouso, cidades, a Amazônia, a Sibéria, o Polo Norte, a Austrália, a Mongólia, o Himalaia e o Saara, tudo. Ele viu. O russo, o astronauta, viu isso cá embaixo, hoje de manhã, como nenhum homem viu antes dele. E disse: azul. A Terra é azul. Então o que a gente aprendeu até agora nas aulas de geografia está errado. Como estavam errados os mapas antes de Colombo. Naquele tempo diziam que a Terra era plana e terminava em um abismo, não diziam? O que mais aprendemos hoje que daqui a quinhentos anos vai fazer as pessoas rirem de nós? Todos os planetas e lugares que a gente conhece vão parecer pouca coisa, como aconteceu com o

mundo depois que Pedro Álvares Cabral chegou ao Brasil? Ele usou os mapas dos navegadores fenícios que estiveram aqui muito antes de 1500. E se estiver acontecendo a mesma coisa hoje em dia? E se existem segredos que os cientistas sabem e nós nem desconfiamos? Que os governos escondem de nós como os mapas que os navegantes portugueses escondiam dos inimigos? Pode ser que os russos tenham os mapas verdadeiros do céu. E os americanos? Será que os americanos têm os mapas verdadeiros do céu?

*“Vejo claramente as grandes montanhas
e áreas em sombras...”*

Se o astronauta russo girou em torno da Terra em uma hora e quarenta e oito minutos, como disseram no rádio, o garoto conjecturou, ele viu o dia e a noite, tudo ao mesmo tempo.

*“...as florestas, as ilhas e os litorais.
Eu vejo o sol, as nuvens...”*

Se o Japão está vinte e quatro horas na frente da gente, do outro lado da Terra, onde já é amanhã, então o russo passou pelo futuro e voltou ao passado. Mas isso não é possível. Não pode. Ou pode. Como pode? Se eu for ao futuro posso me encontrar comigo do jeito que eu sou hoje? O menino pálido se perguntou. Ou como eu era hoje? Eu, de hoje, de agora, sendo como sou neste momento, poderei ver como eu serei? O que eu serei?

*“...e as sombras que a luz projeta sobre
a minha querida e distante Terra.”*

O russo disse. O astronauta russo. O major Iuri Gagárin, de vinte e sete anos. No rádio disseram que ele disse. Pode

ser mentira. Os russos mentem para conquistar o mundo, o padre Tomás sempre avisa, em toda aula de Latim ele avisa: os comunistas mentem. Mas o professor Lamarca diz que são os americanos que mentem, o garoto lembrou-se. Porque eles querem as riquezas do nosso solo, nosso ouro, nosso petróleo, nossas areias monásticas...

Então Paulo veio por baixo d'água, nadando o mais silenciosamente que conseguia, aproximou-se de Eduardo, de quem agora via o corpo por baixo, e fez a brincadeira que sabia seu amigo detestava: virou a boia e puxou-lhe a cueca para o meio das pernas.

Eduardo afundou, engoliu um pouco de água, subiu tossindo.

Paulo nadou para a margem, rapidamente, rindo, fazendo sons que imitavam os berros dos índios vitoriosos sobre os caras-pálidas invasores nos filmes de faroeste vistos em matinês de domingo no Cine Theatro Universo, enquanto Eduardo se recompunha, resmungava alguma coisa e nadava, em grandes braçadas, tentando alcançá-lo.

Paulo saiu da água, ainda rindo, correu alguns metros, parou.

Aguardou.

O amigo furioso se aproximava.

Chegou perto.

Paulo riu de novo, feliz. Aquela era a sua brincadeira favorita. Sabia que era mais veloz e mais hábil que Eduardo, conhecia melhor as manhas dos dribles, ser mais baixo até favorecia, quando gingava para a direita ou para a esquerda, abaixava o tronco e passava sob os braços abertos de Eduardo, como fazia agora.

Desconcertado, capaz apenas de movimentos diretos, Eduardo continuou a perseguição, os pés descalços por ve-

zes escorregando no capim molhado e na lama, enquanto o amigo disparava, sem nunca perder o equilíbrio.

Foi então que Paulo caiu, ao tropeçar em alguma coisa. Era um corpo.

Uma mulher, loura, de braços e pernas abertos, suja de sangue e lama.

O seio esquerdo tinha sido cortado fora.

.....

O buraco entre as pedras e as formigas pretas que saíam dali céleres e ordenadas eram tudo o que Eduardo conseguia ver, de frente à parede áspera para onde os policiais o tinham empurrado. A fileira subia em direção à abertura gradeada, muito acima da cabeça dele, através da qual entravam ondas do calor da tarde e vagos raros sons da rua: as rodas de uma carroça e os cascos ferrados da mula sobre os paralelepípedos, as vozes de duas mulheres a passar na calçada do outro lado, um gemido longínquo, indistinto, de uma criança chorando, talvez de algum detento no subsolo da delegacia.

Os três policiais fediam. Ele suava. Quis acreditar que não fosse de medo.

— Eu vi primeiro — repetiu.

— Mas eu é que tropecei no corpo — Paulo explicou, mais uma vez.

Estavam de costas um para o outro, Paulo também de pé, de cara para a parede do lado oposto. Os policiais se alternavam, refazendo as mesmas perguntas.

— Por que estavam com ela?

— Como ela foi lá com vocês?

— Quem chamou ela?

— A gente não conhece ela, eu já disse!

— Moço, nem o Paulo nem eu sabemos quem ela é.

— Claro que sabem.

— De quem é o canivete?

— Quantos furos vocês fizeram nela?

— Como levaram ela para lá?

Um deles riu. Eduardo achou que cochichavam.

— Eu já falei, o Eduardo falou, a gente não conhece ela.

— Não conhecia. Nunca vi. Nunca vimos.

— Nunca.

— Quantos furos?

— Como não conhecem ela?

— Quantos furos você fez com seu canivete?

— O canivete não é do Eduardo, é meu.

— Quantos furos?

— O canivete é meu, mas a gente nunca fez nada nela, a gente nem conhece ela, nunca, nada.

— Todo mundo conhece ela, moleque.

— Não sou moleque!

— Cala a boca! Só responde o que eu pergunto, moleque!

— Não sou moleque! E não tenho nada que ficar respondendo nada!

— Quer levar porrada, moleque?

— Calma, moço! Calma, Paulo. Fomos ao lago nadar, só isso, moço.

— Quantos furos? Fala, moleque!

— Não sei. A gente não quis olhar.

— Não contamos. Nem eu nem o Paulo contamos.

— Canivete não faz furo assim. Foi faca.

— Como sabe, moleque? Já enfiou a faca em alguém?

— Não sou moleque! Não fiz nada. Só tropecei na morta.

— Como sabiam que estava morta?

— Vocês mataram.

— Por que furaram ela tantas vezes?

— Quando eu tropecei ela já estava morta!

— Nem tocamos nela, moço. Encontramos e eu disse ao Paulo que era melhor a gente vir aqui na delegacia para contar que nós encontramos. O corpo.

— E eu te disse que era melhor a gente não se meter com a polícia!

— Nós voltamos lá com vocês, não voltamos? Para mostrar. Nós só encontramos ela. Só isso.

— Eu te falei que a polícia não ia acreditar na gente, Eduardo!

— Não acreditamos porque é mentira. O que vocês fizeram com ela?

— Nada! Ela já estava fria quando eu tropecei.

— Está mentindo, moleque.

— Paulo e eu fomos ao lago porque o professor de Geografia nos expulsou da sala de aula.

— Mandou a gente para falar com o diretor.

— Quem levantou a saia dela?

— Você ou você?

Estou com fome, Paulo se deu conta. Estou com fome, estou com sede, quero mijar, ainda não almocei, não comi nada, só aquele pedaço de pão com café, por que eles me botaram e ao Eduardo nesta sala abafada, por que continuam perguntando para a gente isso tudo de matar a mulher, por que, para quê? Não estão vendo que não tinha como a gente matar ela? Com meu canivete não tinha como matar ela. Não levantei a saia dela, a saia dela já estava

subida até na cintura, ou estava rasgada, quem sabe não, não estava rasgada, ou estava, eu não levantei, Eduardo também não levantou, esse que está gritando no meu ouvido cospe toda vez que fala, sujeito porco, deve ser aquele primeiro com quem a gente falou, o que tem uma cárie no dente da frente, o que empurrou a gente para a sala nos fundos da delegacia, quando a gente chegou para contar sobre o corpo que a gente encontrou. Ele tinha mau hálito, dava para sentir de longe. Ou era o outro que tinha. Minha barriga está roncando, que horas são?

— Foi você, moleque?

— A gente nem tocou nela. Só tropecei. Quando estava correndo.

— Fomos ao lago porque o professor nos expulsou. E não podíamos voltar para casa.

— A gente não podia chegar em casa antes da hora do fim das aulas.

— Expulsou os dois?

— É.

— Estavam fazendo o quê?

— Nada de mais, moço.

— A gente estava vendo uma revista.

— Durante a aula.

— Qual revista?

— O professor tomou. Mandou a gente ir falar com o diretor.

— Que revista era?

— De sacanagem, eu aposto que esses moleques estavam com alguma revista de sacanagem.

— Vocês estavam fazendo sacanagem? Meia? Um com o outro?

— Não! A gente estava nadando!